



Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Educação



Trabalho de Conclusão de Curso

**TROCA DE SABERES ENTRE IDOSAS NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: RELATO
DE EXPERIÊNCIA DA OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DO
RECRIVIDA - MARIANA/MG**

Hellen Luiza Pereira Santos

Mariana, MG

2023



Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Educação



Hellen Luiza Pereira Santos

**TROCA DE SABERES ENTRE IDOSAS NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: RELATO
DE EXPERIÊNCIA DA OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DO
RECRIAVIDA - MARIANA/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso sob o formato de relato de experiência apresentado à disciplina de Seminário VII: Conclusão de Curso do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do título de Pedagoga(o).

Orientação: Prof^a Dr^a Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva

Prof. da disciplina de Seminário VII: Conclusão de Curso: Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos

Mariana, MG

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Hellen Luiza Pereira Santos

Troca de saberes entre idosas na educação não formal: relato de experiência da Oficina de Alfabetização e Letramento do RecriaVida - Mariana/MG

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 05 de abril de 2023

Membros da banca

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Orientador(a) - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/04/2023



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/04/2023, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0507945** e o código CRC **95C65C3E**.

À todas que vieram antes de mim e que tornaram possível que eu chegasse até aqui. Às que do meu lado estiveram e não me deixaram desistir. Às que depois de mim, pisarão onde pisei. Que possamos sempre lembrar para nunca esquecer.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a mim, por não ter desistido mesmo tendo cogitado fazê-lo diversas vezes. Agradeço à professora Fernanda, que não sabe, mas me mostrou um caminho quando eu nada via nessa estrada graduação. Fer, te levarei com muito carinho, você é especial!

À minha mãe, Dona Maria do Socorro, à Dinda e ao Dindão, minha família sem sangue mas com muito coração. Obrigada por me aconchegar nessa vida, eu amo vocês.

Aos meus amigos e amigas que acreditaram em mim e comigo nessa jornada, obrigada por todos os abraços, reclamações, lágrimas e sorrisos compartilhados.

Agradeço ao meu companheiro por me incentivar e me apoiar. Júnior, eu te amo.

À todos os deuses, astros e energias que colocaram cada coisa em seu lugar para que eu escreva minha história.

Por fim, agradeço à política de assistência estudantil que tornou possível minha permanência na UFOP.

*“Carrego rugas, verrugas
Vida, tartaruga em mim
Eu sou sem fim
Lia e escrevia na areia
Desde menina, vida me ensina a ser assim.”*

Lia de Itamaracá¹

¹ Ciranda Sem Fim, 2019.

Resumo

Uma maioria de mulheres, em especial negras e idosas, provenientes de famílias de camadas populares e de áreas rurais, compõem a Educação de Jovens e Adultos. O presente trabalho busca relatar as trocas de saberes-memórias de idosas ao longo do tempo em que atuei como alfabetizadora na “Oficina de Alfabetização e Letramento”, projeto de extensão do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (DEEDU/UFOP) em parceria com o RecriaVida, espaço direcionado para pessoas idosas de Mariana/MG. Buscou-se compreender o porquê da marca do gênero e da raça na referida turma e também evidenciar a importância das trocas horizontais de saberes-memórias como forma de garantir a permanência de pessoas idosas em práticas educativas, com apoio das dimensões educativas da Gerontologia Educacional. As reflexões mostram que apesar de pouco abordado, o tema contribui para uma prática educacional mais adequada ao referido público, bem como a razão de maior presença de mulheres negras idosas na EJA se deve ao passado histórico racista em que o Brasil se constituiu.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Educação Não-Formal, Mulheres, Idosas, Envelhecimento, Gerontologia Educacional.

Abstract

A majority of women, especially black and elderly, from low-income families and rural areas, are part of Youth and Adult Education. This paper aims to report the exchanges of knowledge-memories of elderly women during the time I worked as a literacy teacher in the "Literacy and Literacy Workshop", an extension project of the Education Department of the Federal University of Ouro Preto (DEEDU/UFOP) in partnership with RecriaVida, a space for the elderly in Mariana/MG. The aim was to understand why there is a gender and race mark in the referred class and also to highlight the importance of horizontal exchanges of knowledge-memories as a way to guarantee the permanence of elderly people in educational practices, with the support of the educational dimensions of Educational Gerontology. The reflections show that, despite being little addressed, the theme contributes to a more adequate educational practice for this public, as well as the reason for the greater presence of elderly black women in EJA is due to the racist historical past in which Brazil was constituted.

Keywords: Youth and Adult Education, Non-Formal Education, Women, Elderly, Aging, Educational Gerontology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAMINHOS DO CAMINHAR	10
PRIMEIRAS PALAVRAS OU POR ONDE ANDEI PRA CHEGAR ATÉ AQUI	11
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A EXPERIÊNCIA NO RECREIAVIDA	12
GÊNERO E RAÇA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRESENÇA DE IDOSAS NEGRAS NA EJA	14
EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: ENVELHECER E A DISPOSIÇÃO DE CONTINUAR ESTUDANDO	17
AS IDOSAS DA OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	20
“VOU APRENDER A LER, PRA ENSINAR MEUS CAMARADAS”: RESSIGNIFICANDO A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS A PARTIR DA PARTILHA DE MEMÓRIAS-SABERES	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é conhecida pela diversidade de seus alunos: jovens, adultos e idosos, mulheres e homens, compõem esta modalidade de ensino. Essa diversidade é uma marca da EJA e a difere de todos os outros segmentos da educação. No entanto, apesar da variedade de perfis, é comum vermos um número maior de mulheres nas turmas da EJA. O direito à educação foi negado às mulheres na sociedade brasileira por muito tempo e foi apenas depois da metade do século passado que escolas no Brasil passaram a atender estudantes mulheres, tendo o magistério sido uma das primeiras profissões tida como ‘feminina’.

Ainda assim, mesmo após a Constituição de 1988, garantir a educação como direito de todos independentemente de raça, gênero ou classe social, esta não era a realidade para muitas mulheres, especialmente as das classes populares. Impedidas por seus pais, obrigadas a largarem os estudos para auxiliar nas tarefas de casa na infância, trabalharem na roça, submissas a seus maridos tendo de cuidar do lar e dos filhos (VIEIRA; CRUZ, 2017), muitas mulheres continuaram a ter seu direito à educação negado. Em razão deste passado de consecutivas supressões ao direito à educação, essas mulheres buscam após “os filhos e mesmo, por vezes, os netos criados, viúvas, separadas, aposentadas, enfim, superada a etapa anterior totalmente ou em parte, de cuidar do outro, podem recuperar o sonho e, então, cuidar de si, retornando à escola” (BASTOS, 2011, p. 43 *apud* VIEIRA; CRUZ, 2017, p. 4).

Nesse sentido, pude constatar que “gerações mais velhas englobam ainda a exclusão das mulheres no sistema educacional” (JULIO, 2014, p. 12), ao longo de minha experiência como alfabetizadora na Oficina de Alfabetização e Letramento – projeto de extensão desenvolvido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (DEEDU/UFOP) em parceria com o centro municipal de convivência social RecriaVida. O espaço, que foi elaborado pela prefeitura de Mariana, Minas Gerais, tem como objetivo garantir melhor qualidade de vida, longevidade e autonomia social para pessoas com 60 anos de idade ou mais. Lá acontecem diferentes oficinas mais voltadas para a área da saúde e de assistência social, sendo a Oficina de Alfabetização e Letramento a única direcionada à educação.

A referida Oficina acontece três vezes por semana e tem duração de 90 minutos, atendendo a 12 estudantes, na faixa etária de 60 a 96 anos de idade, todas mulheres, em sua maioria negras e advindas da zona rural. De acordo com Aline dos Santos Julio (2017) “por ser

um grupo muito heterogêneo, os idosos apresentam diferentes necessidades e buscam diferentes objetivos educacionais” (JULIO, 2017, p. 16), podendo ir desde aprender a assinar o próprio nome, ler a bíblia, ajudar nas tarefas dos netos, fazer parte de um grupo ou até mesmo ingressar na universidade.

O presente trabalho de conclusão de curso em formato de relato de experiência pretende, portanto, compreender como se dá a socialização² de idosas por meio de atividades alfabetizadoras vivenciadas no RecriaVida que buscam responder às seguintes questões: Por que a Oficina de Alfabetização do RecriaVida é composta apenas por idosas? O que as motivaram a retornar às práticas educativas? De que maneira a Oficina de Alfabetização é um significativo de troca dos saberes-memórias para essas idosas? Dessa forma, o trabalho se organiza em quatro seções, sendo elas *“Primeiras palavras ou por onde andei pra chegar até aqui”*, *“Educação de Jovens e Adultos: a experiência no RecriaVida”*, *“Gênero e raça na educação brasileira: uma reflexão sobre a presença de idosas negras na EJA”* e por fim, *“Educação e envelhecimento: envelhecer e a disposição de continuar estudando”*.

CAMINHOS DO CAMINHAR

Este trabalho em formato de relato de experiência, foi realizado a partir da vivência como alfabetizadora na “Oficina de Alfabetização e Letramento”, projeto extensionista do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (DEEDU/UFOP).

O projeto é orientado pela prof^a dr^a Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, contava com uma bolsista, além de minha atuação voluntária. Situado há mais de 10 anos no centro municipal de convivência social RecriaVida, local que visa contribuir para o envelhecimento com qualidade de vida e autonomia social da população com 60 anos ou mais da cidade de Mariana em Minas Gerais O referido projeto tem como objetivo alfabetizar pessoas idosas na perspectiva do letramento, utilizando de seus conhecimentos prévios para o desenvolvimento das atividades. Os encontros aconteciam de forma presencial, três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, a princípio, com duração de 90 minutos. A turma é composta por 12 estudantes mulheres, com idade de 60 a 96 anos, de origem rural e em sua

² Não me aprofundei no conceito sociológico de socialização neste trabalho. Para efeito de melhor compreensão, o termo será adotado como sinônimo de troca e/ou partilha de conhecimentos, saberes e memórias.

maioria negras, que tiveram o direito ao acesso e a permanência na escola negado quando mais jovens. A turma é classificada como multinível, o que trouxe diferentes desafios e possibilidades, tanto para nós alfabetizadoras quanto para as estudantes, sendo a socialização de conhecimentos uma delas.

Por se tratar de uma turma de pessoas idosas, buscamos trabalhar com atividades que resgatasse os saberes já adquiridos ao longo de suas trajetórias e valorizasse suas histórias de vida. Pode-se perceber que alguns assuntos eram comuns a todas (como por exemplo alimentos e ervas medicinais, que foram englobados nos planejamentos pedagógicos) e, trabalhar com estes temas propiciavam as trocas de saberes durante os encontros, criando uma rede horizontal de aprendizagem.

Por meio das anotações em meu caderno de campo, atas das reuniões de orientação e dos encontros com o grupo, fundamento o presente relato de experiência.

PRIMEIRAS PALAVRAS OU POR ONDE ANDEI PRA CHEGAR ATÉ AQUI

Acredito que não poderia iniciar este relato sem antes revisitar um pedaço de minha história. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a compreensão da história e do mundo dos indivíduos que a compõem é fundamental. A vida nos brinda com uma riqueza de experiências e conhecimentos valiosos que devem ser incorporados nos processos de aprendizagem. Meu primeiro contato com a EJA aconteceu através de minha mãe que, aos 35 anos de idade concluiu o Ensino Médio noturno na mesma escola onde eu estudava. Compartilhávamos os mesmos professores e o gosto pela merenda.

Como estudante do curso de Pedagogia pude compreender que um dos maiores desafios da EJA é a implementação de uma diretriz voltada para as especificidades da modalidade. Embora a Constituição de 1988 tenha assegurado o "ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria" e a Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96 tenha garantido como dever do Estado o oferecimento do ensino noturno regular, até hoje não existe uma orientação específica do segmento.

Durante o terceiro período da minha graduação, cursei a disciplina de Educação de Jovens e Adultos, o que me influenciou a escolher esta área para o meu estágio. Escolhi realizar meu primeiro estágio obrigatório em uma turma de Anos Iniciais da EJA em uma escola

municipal de Mariana, Minas Gerais. Durante este período, me aproximei dos estudantes, especialmente dos idosos. Ao entrar em contato com estes indivíduos, senti uma sensação de catarse e despertei minha curiosidade pela Educação de Jovens e Adultos. Pude observar também que práticas infantilizadas com estudantes jovens, adultos e *idosos* são comuns.

As matrizes curriculares dos cursos de Pedagogia estão, na maioria das vezes, direcionadas para a formação de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e isto não é diferente em meu curso. Em decorrência disso, outras oportunidades de ter contato com a educação de pessoas jovens, adultas e *idosas*, se dá através de outros pilares do ensino superior: a pesquisa e a extensão universitária; o que evidencia, mais uma vez, a carência de políticas públicas específicas para a modalidade de ensino.

Foi, pois, como bolsista da Iniciação Científica que tive a oportunidade de ter contato com a Educação de Jovens e Adultos novamente. O Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (DEEDU/UFOP) desenvolve a “Oficina de Alfabetização e Letramento”, há mais de 10 anos, em parceria com o centro municipal de convivência social RecriaVida. O local visa garantir melhor qualidade de vida, longevidade e autonomia social para a população com 60 anos de idade ou mais da cidade de Mariana, Minas Gerais. A referida Oficina atende, atualmente, 12 *idosas*³ que possuem de 60 a 96 anos e acontece três vezes por semana com 90 minutos de duração, onde pude atuar como alfabetizadora por aproximadamente 1 ano.

Conforme estreitamos laços, suas histórias de vida, relacionadas ou não aos estudos, dilemas do dia a dia, comemorações e processos de luto foram aparecendo. Além das observações destinadas à Iniciação Científica, não pude deixar de realizar minhas próprias observações que fizeram despontar em mim a curiosidade pela educação, agora não mais de jovens e adultos mas sim de pessoas *idosas*, ou melhor, de *mulheres* *idosas*.

Apesar de minha trajetória escolar ser de sucesso e longevidade, sabemos que nem todas as mulheres tiveram a oportunidade de obter esse sucesso. Nessa direção, torna-se relevante compreendermos melhor o panorama brasileiro da escolarização de mulheres.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A EXPERIÊNCIA NO RECRIVIDA

³ Uso do pronome feminino por se tratar de uma turma composta exclusivamente por mulheres.

A modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na educação básica objetiva garantir àqueles que, por algum motivo, não tiveram acesso à escolarização e história é marcada por lutas, com avanços e retrocessos que acompanham as transições de governo de nosso país (COURA, 2007). A Constituição de 1988 prevê, como dever do Estado, a garantia à Educação para aqueles que não tiveram acesso ao ensino regular, entretanto sabemos que esta medida não se materializou, na realidade “a educação de jovens e adultos compreende um leque amplo e heterogêneo de experiências educativas de formatos e modalidades diversos, que não correspondem necessariamente a ações de escolarização” (SOARES, 2001, p. 201).

Nesse sentido, a experiência vivenciada como alfabetizadora na Oficina de Alfabetização e Letramento no RecriaVida se dá, portanto, no âmbito não-formal da educação, que é entendido como

um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Em suma, consideramos a educação não-formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social (GOHN, 2006).

Assim sendo, os sujeitos que fazem parte da EJA, dentro da perspectiva da educação não-formal, não possuem uma descrição ou caracterização única, tendo em vista que a própria sigla já expõe a diversidade do ponto de vista etário, mas não somente. Marta Kohl de Oliveira (1992), afirma que:

O tema “educação de pessoas jovens e adultas” não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade cultural. Isto é, apesar do corte por idade (jovens e adultos são, basicamente, ‘não-crianças’), esse território da educação diz respeito a reflexões e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 1992, p. 59).

E continua dizendo que,

o adulto [...] traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa da vida

em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (OLIVEIRA, 1992, p. 60).

Apesar de não utilizar o termo idoso, as reflexões da autora contribuem para o entendimento das diversidades (etárias, territoriais, culturais e de gênero) presentes na EJA e também na Oficina de Alfabetização e Letramento.

Na Oficina, mesmo que direcionada ao público idoso, as integrantes possuem idades diferentes, níveis de conhecimento específicos, histórias de vida e locais de fala diferentes; algumas frequentaram a escola na infância, outras depois de adultas e há ainda outro grupo que nunca teve acesso à escolarização. Há quem teve muitos filhos, quem não se casou, viúvas e divorciadas. Estudar é o único desejo comum a todas.

Para seguirmos, julgo importante compreender quais os caminhos que levaram estas idosas a estarem em uma Oficina de Alfabetização e, portanto, busco compreender os fatores históricos e sociais que levaram, apesar de educação de pessoas jovens e adultas ser palco da multiplicidade, à presença majoritária de mulheres idosas na turma.

GÊNERO E RAÇA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRESENÇA DE IDOSAS NEGRAS NA EJA

É notável que as turmas de EJA são compostas majoritariamente por mulheres. A supressão do direito à educação no meio rural e em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos auxilia a caracterizar o perfil das estudantes que regressam aos estudos, sendo “geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não-qualificados e com baixo nível de instrução escolar” (OLIVEIRA, 1999, p. 59). Entretanto, sabemos que essas não são as únicas razões que justificam a presença delas na modalidade.

Em nossa apresentação, no primeiro encontro, muitas relataram como o acesso à escola era dificultado por diversos fatores; morarem longe, não haver escola próxima de suas residências, a necessidade de cuidar de irmãos, o trabalho na roça, o casamento e os filhos. Ao buscarmos na história do Brasil, a educação para mulheres tem um passado lamentável que não nos é tão distante. A educação escolar não era entendida como necessária para mulheres, já que

as desigualdades de gênero sempre fizeram parte do cotidiano brasileiro. Nos primeiros séculos da colonização - especialmente no período predominantemente agrário e rural - as mulheres não tinham acesso à escola,

ao mercado de trabalho formal, sofriam com a mortalidade infantil e materna e não possuíam uma série de direitos civis e políticos (ALVES, 2009, p. 1 *apud* JULIO, 2017, p. 10).

Nos primeiros dois meses de Oficina tivemos a presença de 2 senhores. Um deles acompanhava sua esposa aos encontros como forma de incentivá-la e apoiá-la na retomada aos estudos. O outro senhor, diferentemente do primeiro, era incentivado por sua esposa, que também frequentava a oficina. Neste último caso, ambos eram inscritos na Oficina de Alfabetização e Letramento, entretanto, estavam em níveis diferentes de aprendizagem. As duas ocasiões foram as únicas onde houve a presença de homens na Oficina, ao longo do ano em que estive com a turma, sendo um deles escolarizado. Durante muito tempo a escolarização das mulheres esteve atrelada aos serviços do lar. Ler e escrever, e noções básicas de matemática faziam parte da grade curricular nas escolas de meninas.

No final do século XVIII os Estatutos do recolhimento de Nossa Senhora da Glória da Boa Vista, publicado em Portugal em 1798, redigido por D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, constavam as regras que as instituições religiosas deveriam seguir e expunham pela primeira vez um claro objetivo educativo para as mulheres. '(...) as meninas limitar-se-iam a aprender a ler, escrever e contar além de coser e bordar, pois isso bastaria para o governo de suas casas no futuro. Pode parecer pouco, mas na sociedade colonial eram raras as mulheres que sabiam assinar seus nomes e escrever uma carta, o programa do bispo Azeredo Coutinho representava um passo importante na educação feminina.' (Silva, 2005, p. 135). Após a independência, através da lei Geral surgiram as escolas de primeiras letras. Às mulheres eram dirigidas as matérias artes do lar e prendas domésticas enquanto os meninos aprendiam geometria entre outras (JULIO, 2017, p. 11).

Foi ao final do século XIX que a educação passou a ser um direito também das mulheres. Com o surgimento de escolas mistas e através das lutas feministas, elas começaram a ocupar lugares sociais que não apenas o do lar:

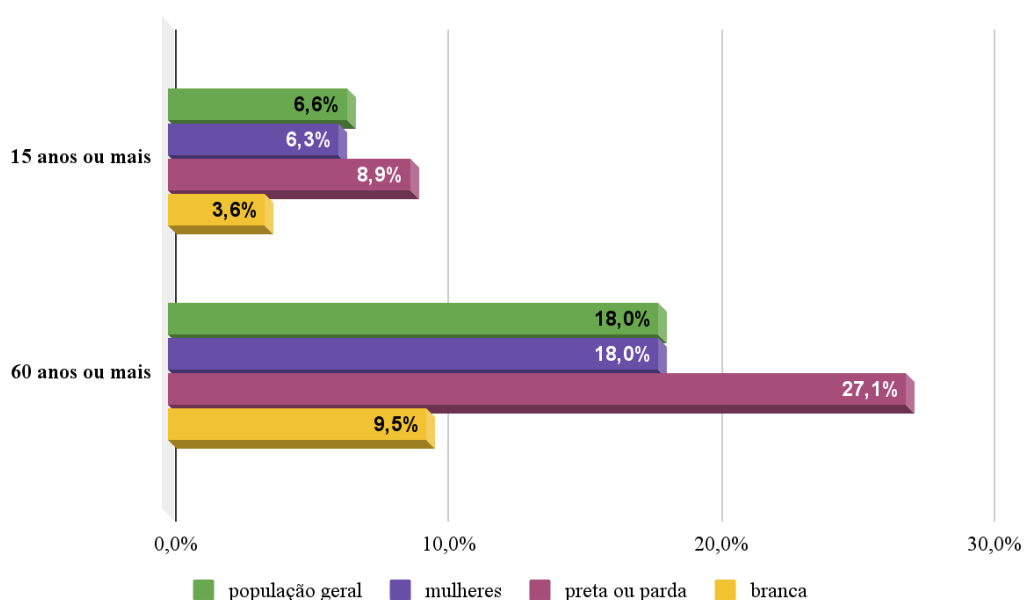
[...] O papel social da mulher continuava sendo o matrimônio, sendo o magistério primário visto como uma alternativa 'decente' para as não casadas, ainda que sob a tutela masculina. Algumas mulheres se deram conta da importância da escolarização como uma via de autonomia para suas vidas (JULIO, 2017, p. 11).

Contudo, a trajetória de lutas e conquistas exposta acima não diz respeito a todas as mulheres brasileiras, apesar de serem maioria na Educação de Jovens e Adultos (VIEIRA; CRUZ, 2016), mulheres negras ocupam maior número de bancos em comparação às mulheres brancas; na Oficina oito das doze estudantes são negras. Não podemos negar o passado

escravista, pautado em políticas eugenistas em que o Brasil se consolidou. Esse histórico, nada esplendoroso, é responsável pelo acesso precário da população negra à educação até os dias atuais (LIMA, 2016).

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 6,3% da população de mulheres com 15 anos ou mais são analfabeta, quando olhamos para o recorte de mulheres com 60 anos ou mais a taxa sobe para 18% da população, sendo evidente que “o analfabetismo está diretamente associado à idade. Quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos” (PNAD, 2019). Ao observar a questão da raça, a diferença de 17,6% entre analfabetos declarados pretos ou pardos com 60 anos ou mais para os declarados brancos com 60 anos ou mais nos auxilia a conceber o perfil da pessoa idosa que não teve acesso à educação, como se pode observar no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo de mulheres por grupos de idade, segundo a cor/raça



Fonte: PNAD, 2020.

A existência de uma demanda de mulheres idosas, especialmente mulheres negras, que não concluíram ou não tiveram acesso à educação acontece devido a maior “evasão escolar dessa parcela da população. Trata-se, certamente, de um problema de base econômica, mas é

necessário que não se perca de vista que o racismo estrutural é a explicação mais cabível” (LIMA, 2017, p. 71).

Até aqui, buscou-se explicitar os caminhos tortuosos da educação de mulheres no Brasil. Pode-se constatar que os ideais racistas em que o Brasil foi concebido não estão em um passado tão distante assim, tendo em vista que a geração de idosas negras de hoje em dia representam o maior contingente da população analfabeta. Na próxima seção trataremos da influência de atividades educacionais na vida de pessoas idosas e o potencial socializador das mesmas.

EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: ENVELHECER E A DISPOSIÇÃO DE CONTINUAR ESTUDANDO

Independente da forma como é compreendido socialmente, o envelhecimento é um fator biológico inerente ao ser humano. Na sociedade brasileira, a taxa de expectativa de vida tem aumentado e com isso, diferentes agentes governamentais e sociais têm promovido um leque variado de ações para pessoas idosas.

A Lei de número 14.423/2022, conhecida como Estatuto da Pessoa Idosa prevê, em seus artigos 20 e 21, o direito à educação, cultura, lazer, entre outras atividades e a oportunização da pessoa idosa do acesso à educação, via poder público. Como já dito anteriormente e em consonância com a referida Lei, a Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania da Prefeitura Municipal de Mariana/MG desenvolve o Programa RecriaVida. No espaço são oferecidas diferentes atividades e oficinas, proporcionando vivências e experiências para a população idosa, contribuindo assim para um envelhecimento ativo, autônomo e saudável⁴.

Atividades educativas, sejam elas formais, não-formais ou escolares, podem colaborar para um aumento na qualidade de vida de pessoas idosas uma vez que auxiliam na compreensão de seus potenciais, na melhoria de suas condições físicas, mentais e psicológicas (COURA *et. al*, 2020). Diferentes estudos têm mostrado que o ingresso em novas atividades – educativas, socializadoras, físicas, entre outras – tornam possíveis “a preservação e ganhos evolutivos em

⁴Ainda não há um consenso para a definição de envelhecimento saudável, por se tratar de um processo que envolve diferentes fatores, sociais, individuais, ambientais, que implicam diretamente na saúde dos indivíduos (TEIXEIRA; NERI, 2008).

determinados domínios do funcionamento, como o intelectual e o afetivo, sendo este último capaz de atuar de maneira compensatória sobre as limitações cognitivas” (NERI, 2004, p. 109).

Almejar compreender as necessidades que o grupo de pessoas idosas possui, visa contribuir para uma prática que esteja melhor adequada à ele. Em vista disso,

[...] a Gerontologia Educacional se ocupa em discutir a educação fundamentada em três áreas: a educação voltada para idosos, à formação de professores que irão atuar com os idosos e uma educação sobre envelhecimento e idosos para a sociedade em geral. [...] percebe o idoso também, como sujeito que está em um eterno processo de aprendizagem e que a educação para ele dirigida não deve se dar apenas nos espaços formais como a escola, mas em todos espaços possíveis da sociedade (JULIO, 2014, p. 15).

A educação direcionada ao idoso, por possuir caráter heterogêneo tanto em sua concepção quanto em relação às necessidades diversas, necessita de adaptações para melhor adequar-se, não apenas às limitações mas também as potencialidades presentes no grupo etário. Além disso, a prática pedagógica de valorização dos conhecimentos que foram apreendidos durante a vida se mostra através da aproximação de educadores e educandos, estreitando relações para a construção de novos vínculos e tensionando práticas comuns na educação escolar (ARAÚJO; SILVA, 2020), e está diretamente atrelado a devolução da auto estima desses sujeitos.

Nesse processo de aproximação, foi possível observar por meio dos relatos dos nossos encontros, que as emoções e relações com a escola, com o processo de escolarização e até mesmo com outras práticas educativas, eram em sua maioria negativas e as nomeei carinhosamente de *fantasma da escola*. O *fantasma da escola* infelizmente não assombrou apenas o passado daquelas idosas. Dona T., certa vez afirmou que apesar de ter filho engenheiro não era capaz de compreender a proposta da atividade, “como uma mãe burra assim conseguiu ter filho engenheiro?” (anotações minhas). Dona M. R., 70 anos, vez ou outra murmurava que não tinha capacidade de aprender mais por conta da idade e que quando estudou na infância repetiu o ano escolar mais de uma vez e, por isso, seus pais a tiraram da escola “não servia para estudar, então fui trabalhar” (anotações minhas).

Conforme as experiências iam sendo compartilhadas, percebemos que teríamos que resgatar a auto-estima dessas idosas, buscando, portanto, trabalhar os conteúdos de forma a valorizar os conhecimentos prévios delas, possibilitando mais independência durante as atividades e, especialmente, a troca de conhecimentos entre elas mesmas, criando-se uma rede

de compartilhamento horizontal, mediada por nós. Outro fator que favoreceu essa horizontalidade em seus processos de aprendizagem é o de se tratar de uma turma multinível em seus conhecimentos de leitura e escrita.

Desse modo, a Gerontologia Educacional (JULIO, 2014) nos auxilia apresentando diferentes dimensões educacionais no trabalho com o idoso, onde algumas puderam ser observadas no trabalho realizado na Oficina de Alfabetização e Letramento: a primeira é a *dimensão sócio educativa*, que tem foco no desenvolvimento dos contatos e relações sociais, se dá através da permanência das idosas na Oficina. As relações que foram estabelecidas dentro da sala de aula transpassam e penetram os muros do RecriaVida. Dona G. e Dona C., por exemplo, possuem um parentesco, sendo dona C. avó da sobrinha-neta de Dona G. O mesmo aconteceu com Dona E. e Dona M. L., que são primas de segundo grau.

Quanto à *dimensão de lazer*, as atividades educativas buscam preencher o tempo livre, o que pôde ser observado nas falas de todas as idosas, mas em especial na presença de Dona S. que completou 96 anos na Oficina e, apesar das evoluções perceptíveis especialmente em sua coordenação motora, a interação social para ela ocupava um lugar primordial, já que em alguns momentos ela se ocupava com a *contação de histórias* deixando as atividades educativas de lado.

Assim como a perspectiva Freireana, a *dimensão emancipatória* foca na capacidade de aprender e compreender, tornando possível a participação ativa na sociedade; o trabalho desenvolvido a partir da perspectiva do letramento, com valorização dos conhecimentos e apoiada em atividades do cotidianas, como ir ao mercado, banco, etc, pode ser compreendido dentro dessa dimensão por possibilitar a emancipação dessas idosas para a vida em comunidade, não sendo necessária o acompanhamento de terceiros para as atividades do dia a dia.

Por fim, a *dimensão das capacidades cognitivas* trata da importância de continuar sempre aprendendo e treinando a memória como forma de proteger e amenizar possíveis perdas cognitivas ocasionadas quase sempre por doenças. (JULIO, 2014, p. 16, *grifo meu*), como é o caso de Dona M. L. que passou a frequentar a Oficina já no final do período em que estive lá. Ela possui alguma condição de saúde que não a deixa avançar nas atividades. A família não nos informou qual condição a acomete, mas suspeitamos que seja algum tipo de Demência ou Alzheimer, já que por vezes Dona M.L. se negava a participar das atividades, não conseguindo reconhecer letras ou números e em algum lapso conseguia ler palavras complexas. Acredito

que a intenção da família, ao matriculá-la, tenha sido a de buscar amenizar essas perdas cognitivas que a idosa sofreu.

Apesar de conseguir estabelecer um paralelo com algumas das dimensões educacionais propostas pela Gerontologia Educacional com as atividades da Oficina de Alfabetização e Letramento, as mesmas não foram intencionalmente pautadas em todas as dimensões. Mesmo assim as atividades auxiliam na construção de um envelhecimento saudável⁵, uma vez que suas dinâmicas proporcionam a socialização, o bem-estar, o desenvolvimento das capacidades cognitivas e o lazer. A seguir, conto algumas interações que surgiram entre as idosas levando em conta as dimensões descritas acima.

Os relatos que estão presentes nessa seção foram retirados de meu caderno de campo bem como de minha memória afetiva, uma vez que nem um nem outro conseguem abarcar a grandiosidade das experiências vividas em sala de aula. Sendo assim complemento minhas memórias com meus registros e vice-versa.

Por se tratar de uma turma com multi-conhecimentos, julgo importante descrever brevemente as idosas que a compõem.

AS IDOSAS DA OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

S. tem 96 anos, e em seus primeiros dias de aula nos relatou que gostaria de reaprender a assinar o nome para poder exercer seu direito de voto nas eleições para presidente. Ela reconhece as letras do alfabeto, em especial as de seu nome, apesar de trocar a pronúncia do ‘S’ por ‘F’. Pela idade já avançada, foi acometida por uma Catarata que dificulta sua visão no trabalho com cadernos pautados. Optamos por trabalhar com caderno sem pauta e utilizar materiais mais táteis, de forma a auxiliar a memória corporal das letras.

I., de 77 anos, não chegou a frequentar a escola quando criança. Reconhece as letras do alfabeto, tendo dificuldade com as letras K, W, Y e não consegue realizar a representação gráfica das letras. Em uma atividade de escrita de seu nome, o representou com garatujas. Tivemos maior sucesso com atividades de recorte e colagem, pintura e desenho para seu desenvolvimento.

T., 88 anos, consegue realizar interpretações de textos simples com uma leitura mais pausada. O conhecimento sobre a orientação da escrita não está bem consolidado, tendo

⁵ Na perspectiva da construção da autonomia e da melhora na qualidade de vida da pessoa idosa.

dificuldade em atividades onde era necessária a utilização do quadro. Em sua escrita altera letras garrafais e cursivas.

C. tem 89 anos, e boa compreensão da organização e orientação da escrita. A forma e representação das letras está bem consolidada com boa grafia, tanto cursiva como garrafal. Apesar de afirmar não conseguir ler, realiza leituras simples como de bilhetes e enunciados de atividades.

E. B. (sem idade informada), não possui orientação no espaçamento de letras e palavras em atividades de escrita. Representa bem apenas seu primeiro nome, comendo letras em seu sobrenome. Apesar de reconhecer as letras do alfabeto, faz algumas trocas sonoras quando realiza a leitura.

M. A., M. B. e M. estão em níveis de conhecimento muito próximos, com boa representação das letras do alfabeto, boa caligrafia - tanto garrafal como cursiva, e boa leitura mesmo que pausada, conseguem realizar interpretação de textos simples.

E., realiza pequenas trocas e subtrações de algumas letras, especialmente em palavras mais complexas, assim como em atividades de leitura apresenta maior dificuldade com encontros consonantais.

M. R., apesar de escrever seu nome completo, em outras atividades de escrita apresentava desorientação da grafia e em atividades de leitura também, invertendo a sequência das sílabas.

A., lê com dificuldade, pausadamente e com pouca dificuldade. Apesar da desorientação na escrita, escreve bem as palavras e seu nome completo.

M. L. possui alguma condição que dificultava sua aprendizagem, a qual não nos foi relatado pela família nem pela cuidadora que a acompanhava nas aulas. Por vezes lia algumas palavras complexas e em outras não reconhecia nenhuma letra do alfabeto.

Tendo realizado este mapeamento da turma, foi possível perceber ao menos três diferentes estágios de conhecimento, e a partir dessa multiplicidade são estabelecidas as socializações dos saberes entre os pares.

“VOU APRENDER A LER, PRA ENSINAR MEUS CAMARADAS⁶”: RESSIGNIFICANDO A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS A PARTIR DA PARTILHA DE MEMÓRIAS-SABERES

Trabalhar com uma turma multi-conhecimentos exige a utilização de diferentes estratégias para a construção e consolidação dos conhecimentos, que também se justifica pelas facilidades e dificuldades com diferentes atividades. Dentre os materiais de apoio que utilizamos com as idosas da Oficina de Alfabetização e Letramento o alfabeto móvel é um grande aliado no processo de aquisição de leitura e escrita e também um ótimo possibilitador de interações.

No primeiro contato em que as estudantes tiveram contato com o recurso, pedimos para que elas explorassem o alfabeto móvel, deixando livre a interação sujeito-recurso para posteriormente intervimos, qual o nome das letras, quais compunham seus respectivos nomes, semelhanças e diferenças entre elas foram questões realizadas a fim de nortear a interação, além de viabilizar uma avaliação diagnóstica de seus conhecimentos.

Durante as atividades, em que utilizamos o alfabeto móvel, a troca de experiências e de saberes aconteciam naturalmente. Dona E. e Dona M. R. quase sempre se sentavam uma ao lado da outra. Por vezes Dona E. ajudava Dona M. R. a encontrar alguma letra para que conseguisse formar a palavra desejada “*aqui ó, tenta essa aqui*” (apontando para a peça da letra ‘s’ em meio às outras).

Figura 1. Atividade com uso do alfabeto móvel na Oficina de Alfabetização e Letramento do RecriaVida.

⁶ Yáyá Maseмба - Maria Bethânia, Brasileirinho, 2003.



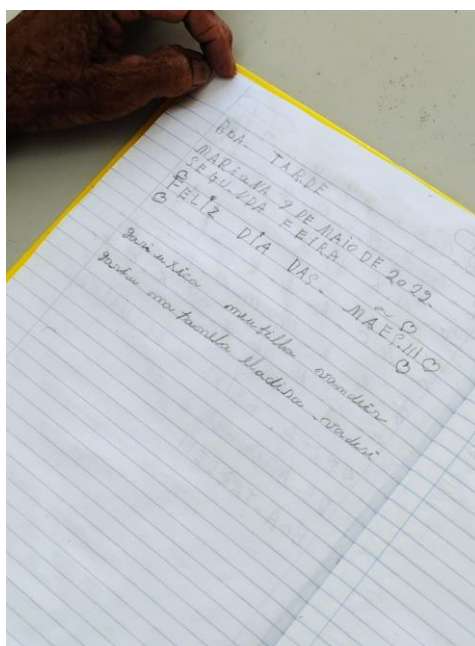
Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Por termos trabalhado com alimentos (legumes e hortaliças) algumas receitas eram compartilhadas durante as atividades, nesse dia foram compartilhadas receitas de bolo de abóbora, abóbora assada e sopa de abóbora. O surgimento de conhecimentos como as receitas possibilita a aprendizagem do gênero textual receita, de grandezas e medidas, benefícios dos alimentos, cores, formas, entre outros e que apesar de as idosas não terem tido contato com esses conceitos de uma forma escolarizada, seus saberes populares dão conta de explicá-los.

Além do uso do próprio nome como meio alfabetizador, nomes de netas/os, filhas/os também eram comuns, assim como o próprio nome da cidade de Mariana e também de suas cidades de origem, como podemos observar na figura 1.

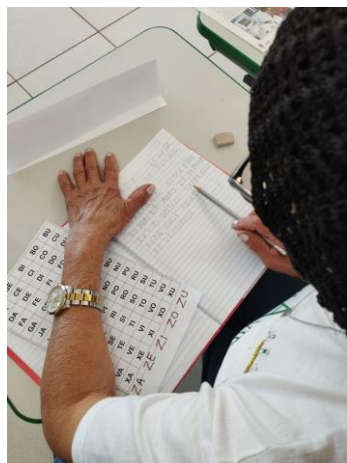
Em atividades de escrita espontânea, o compartilhamento de memórias e saberes aconteciam ao longo de toda a aula. A partir do uso de datas comemorativas como temas geradores, procuramos apresentar outras maneiras de se utilizar a leitura e a escrita. Para além das formalidades, como idas ao banco, pagamento de contas e etc, a leitura e a escrita pode também ser usada como um meio de se guardar memórias e revisitá-las

Figura 2. Atividade de escrita espontânea com o tema “Dia das Mães”



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Figura 3. Atividade de escrita espontânea com o tema “Festa Junina”.

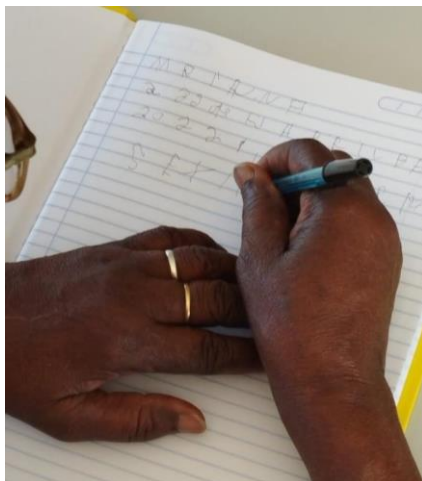


Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Na figura 2 podemos observar a transcrição da memória compartilhada em sala de aula naquele encontro, em que o tema da aula foi Dia das Mães, “ganhei uma xícara de meu filho Vandair; ganhei uma panela da Edilsa e Valdesir”. O cardápio especial em comemoração a data também foi socializado no encontro, Dona E. nos contou que naquele domingo havia almoçado tutu de feijão e maionese, já Dona A. disse que “esse ano me levaram *pra* comer fora!”. Memórias afetivas também foram registradas na atividade sobre a Festa Junina, como

observado na Figura 3, na qual o gosto pelo forró aparece como uma delas. Dona T. comentava que “não se faz mais festa junina como antigamente... eu dançava a noite toda quando jovem”.

Figura 4. Registro da escrita na Oficina de Alfabetização e Letramento.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

De modo geral, o compartilhamento de saberes, escolares ou não, se fez presente em praticamente todos os encontros da Oficina de Alfabetização e Letramento, independentemente dos temas das aulas. O resgate e a troca dessas *memórias-saberes*, atribui ao processo de ensino e de aprendizagem um valor afetivo e social que vai de acordo com as dimensões propostas pelas Gerontologia Educacional e com os estudos sobre as especificidades da Educação de Jovens e Adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos é um território diverso, nesse sentido o presente trabalho buscou colocar luz em situações cotidianas nos encontros da Oficina de Alfabetização e Letramento do RecriaVida com objetivo de trazer valorização à socialização de conhecimentos de forma horizontal entre pares durante práticas alfabetizadoras voltada para o público de pessoas idosas e responder alguns questionamentos que nortearam o trabalho.

No que se refere à presença majoritária de mulheres idosas na Oficina, o levantamento bibliográfico pôde confirmar a história oral compartilhada por essas mulheres durante os encontros. A própria história brasileira da educação para mulheres se encarregou de excluí-las

dos ambientes escolares justificada pela crença no lugar social da mulher como mãe e esposa, não necessitando de estudos para ser performado. Sobre a maior presença de idosas negras na turma, soma-se à justificativa anterior o recente passado escravista do Brasil e a escassez de políticas públicas que buscassem garantir a educação para a população negra.

Com relação às motivações para o retorno, os relatos compartilhados em sala de aula mostram um leque variado de motivações que passam por significações sociais que vão de fazer a leitura da bíblia a poder assinar o nome para exercer o direito de voto. Na contramão da motivação, foi encontrado o *fantasma da escola*, como um dificultador do regresso e permanência desse público nas atividades educativas, uma vez que a crença na incapacidade de aprender novos conhecimentos foi um trauma durante o processo de escolarização de algumas daquelas idosas.

As tensões existentes na EJA também são um ponto de desafio, tanto para educadores quanto para estudantes, dado que durante o ano em que aconteceram as oficinas, por diversas vezes eu e a outra educadora tivemos que lidar com certos tipos de boicotes ao projeto pela atual gestão do programa RecriaVida. A sensação de que as mudanças de local, horário, formato não impactam seus sujeitos demonstra a desimportância que se tem com o segmento. É importante frisar que é necessário que o poder público encare a Educação de Jovens e Adultos com o devido carinho, respeito e atenção que merece.

Nessa lógica, de valorização à EJA, vimos que as dimensões educativas propostas pela Gerontologia Educacional, nos auxilia a encontrar formas de tornar o processo de ensino e aprendizagem de pessoas idosas mais significativo, sendo a socialização de saberes durante os encontros um motivador para a permanência das idosas na Oficina de Alfabetização e Letramento. Permitir trocas de experiências, saberes e conhecimentos já adquiridos auxilia no aumento da auto-estima, além de possibilitar, através da alfabetização, a promoção de um envelhecimento mais ativo e independente.

Por fim, acredito que o presente trabalho acabou por levantar questões maiores que as condições presentes para realizá-lo e, dessa forma, merece continuidade de modo que haja maior aprofundamento nas relações de práticas educativas alfabetizadoras com as dimensões educativas da Gerontologia Educacional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Regina M. B. de; SILVA, Fernanda A. O. R. **A alfabetizadora da educação de jovens e adultos e sua formação: atuação do poder local em Minas Gerais (2008-2018)**. In: MACIEL, Francisca I. P.; SANTOS, Sônia M. dos; ROCHA, Juliano G. (org). História da formação de alfabetizadoras em Minas Gerais. 1 ed. Uberlândia: Navegando. 2020.

COURA, Isamara Grazielle Martins et al.. **A importância da educação e seus benefícios para as pessoas idosas**. Anais do VII CIEH... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73690>> . Acesso em 08 Mar. 2023.

COURA, Isamara G. M. **A Terceira Idade na Educação de Jovens e Adultos: expectativas e motivações**. 2007. 134 f. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BRASIL. **Estatuto do idoso**: Lei Federal nº 14.423, de 22 de julho de 2022. Altera o Decreto Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões "idoso" e "idosos" pelas expressões "pessoa idosa" e "pessoas idosas", respectivamente. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2022.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**.. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006. Proceedings online... Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000009200600100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 24 Fev. 2023.

ÍNDICE DE INDICADORES SOCIAIS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) SOBRE ANALFABETISMO, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf> Acesso em 03 Fev 2023.

JULIO, Aline dos Santos. **Mulheres Adultas Maduras e Idosas na EJA: caminhos e perspectivas no retorno à escola**. 2014. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

LIMA, Marise Esteves. **Relações étnico-raciais na EJA: geração, classe e raça na educação escolar brasileira**. Sinergia, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 65-72, jan./jun. 2017.

MONTEIRO, Sara M. Escrita espontânea. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores**. In: Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2014, s/p. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/escrita-espontanea#:~:text=O%20espont%C3%A2neo%20designa%20essa%20possibilidade,escola%20ou%20em%20situa%C3%A7%C3%B5es%20cotidianas.>>. Acesso em 22 fev. 2023.

NERI, Marina L. **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. Psico-USF, v. 9, n. 1, p. 109-110, Jan./Jun. 2004. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pusf/a/GjMh8KSmhj8VnvJmVGXK5hP/?lang=pt>> . Acesso em : 13 Fev. 2023.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1999, n.12, pp.59-73. ISSN 1413-2478. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24781999000300005&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 17 Fev. 2023.

SOARES, Leôncio. **As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos.** *In: RIBEIRO, Vera Masagão.(org.). Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras.* Campinas: Mercado das Letras, 2001.

VIEIRA, Maria Clarisse; CRUZ, Karla Nascimento. A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. *Educação. Revista do Centro de Educação*, vol. 42, núm. 1, pp. 45-56, 2017. Universidade Federal de Santa Maria.